

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

**O BRINCAR NO CURRÍCULO DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

TRABALHO FINAL DE PÓS GRADUAÇÃO

Roseli da Silva Diniz

Santa Maria, RS, Brasil

2013

O BRINCAR NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Roseli da Silva Diniz

Projeto apresentado ao Curso de Pós Graduação em Educação Infantil da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do grau de **Especialista em Educação Infantil**

Orientadora: Professora Dr^a Sueli Salva

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós Graduação em Educação Infantil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Projeto de Pós Graduação

O BRINCAR NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

elaborado por
Roseli da Silva Diniz

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Infantil

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora: Sueli Salva

Professora: Neusa Maria Roveda Stimamiglio

Professora: Luciane Madruga Prestes

Santa Maria, 13 de setembro de 2013.

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Especialização em Educação Infantil
Centro de Educação
Universidade Federal de Santa Maria

O BRINCAR NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORA: ROSELI DA SILVA DINIZ

ORIENTADORA: PROFESSORA DR^a SUELI SALVA

Santa Maria, 13 de setembro 2013.

Este trabalho apresenta um estudo reflexivo sobre a importância do brincar no currículo da Educação Infantil, com destaque a crianças da Pré-escola, enfatizando a mediação do educador neste processo. Para o desenvolvimento deste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa com base na observação das crianças que participaram de minha docência, numa Escola Municipal de Ensino Fundamental. O tema escolhido baseou-se em minhas constantes indagações no decorrer do Curso de Especialização sobre a importância do brincar na Educação Infantil e de como ele é pouco discutido em nossas escolas. Para a realização do trabalho, além da observação das crianças foram necessárias leituras prévias sobre o tema, diálogo com as outras professoras da escola e reflexões relativas ao tema do brincar na Educação Infantil. O processo realizado durante o trabalho permite concluir que a brincadeira é fundamental na educação infantil, mas nem sempre ela precisa estar mediada pelo professor, pois através do brincar a criança pode construir sua autonomia, elaborar conflitos, desenvolver habilidades, significar o mundo e interagir com outras crianças.

Palavras-chave: Brincar, infância, diálogo, interação

ABSTRACT

This research presents a reflexive study about the importance of playing in the curriculum of Childish Education, with eminence to children from preschool, emphasizing the mediation from educator in this process. For the explaiment of this study I developed a investigation based on the observation from children who took part of my teaching at a municipal Basic school. The selected topic is based on my frequently inquiries du ring the post graduation course, about the importance of playing in the Childish Education. Moreover as this topic is rarely talked over into our schools. To the accomplishment of the study, besides the observation over the children, it was necessary previous reading concerning the topic, dialogue with teachers from school also reflexions relating to the subject playing in the Childish Education. The process accomplished during the study, allow conclude that: the fun is so important in the Childish Education; it can not be interposed by the teacher ever, because throught the playing the children can do his/her autonomy, elaborate conflicts, develop habilities, mean the world and interact with other children.

Key words: Playing- Childhood- dialogue- interaction.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2 MEMORIAL	9
3 PROJETO TEMPO DE BRINCAR.....	16
3.1 METODOLOGIA	16
4. O QUE VI, O QUE OUVI E O QUE PRECISAMOS APRENDER SOBRE A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
4.1 O brincar exige conhecimento do educador	20
4.2 A mediação do educador nas brincadeiras infantis	21
4.3 O brincar como base do currículo na Educação Infantil	23
5. CONCLUSÕES	27
6. REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é realizar uma reflexão mais crítica sobre a prática do brincar presente no cotidiano da prática pedagógica na Educação Infantil. O interesse por este tema resultou de minhas inúmeras indagações decorrentes do cotidiano da sala de aula, de reflexões e observações sobre o brincar e das leituras realizadas durante o curso de Especialização na Educação Infantil.

No decorrer do Curso de Especialização, nos momentos de estudo, de atividades em grupo, nas aulas práticas, nos relatos de cada colega, fui percebendo que o conhecimento do Curso de Especialização não deveria ficar entre as quatro paredes, mas sim ir além, especialmente ao encontro de outros colegas que não tiveram ainda a oportunidade de parar e refletir sobre sua prática docente. A reflexão com embasamento mais profundo sobre a prática, decorrente desta Especialização impulsionou-me a uma pesquisa sobre o tema que considero o alicerce da infância nos dias atuais: o brincar.

Esta Especialização foi de fundamental importância para analisar minhas ações na Educação Infantil. Observo que a pesquisa é o começo para uma prática da atividade docente com qualidade na primeira infância, pois abrange um conjunto de fatores que intermediam um educar e um cuidar de qualidade. Esta qualidade, no entanto, só acontece quando ampliamos nosso conhecimento sobre o que fazemos, para que fazemos e para quem fazemos.

Para a realização deste trabalho de pesquisa, contei com a colaboração de professores que compartilham a prática do dia a dia da Educação Infantil. A base para a pesquisa foram as observações diárias sobre o brincar das turmas de Pré-escola de uma Escola Municipal no município de Restinga Sêca.

Além das observações sobre o brincar da Educação Infantil das Pré-escolas da referida escola, selecionei autores que abordavam o tema em pesquisa e iniciei o relato sobre minha infância até os dias atuais, através da elaboração do memorial. O suporte para a pesquisa foram autores que abordam a importância da reflexão sobre a prática docente, o diálogo e a pesquisa, com destaque para Freire(1996); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2010, que abordam o brincar e as interações como eixo da Educação Infantil; os textos de Maria Carmen Silveira Barbosa(2011), que destacam a importância de um currículo de infância voltado

para o brincar; e textos de Tânia Ramos Fortuna (2004 e 2011), que enfatiza a importância da mediação do educador no brincar, entre outros.

A pesquisa foi realizada primeiramente pela observação do brincar das crianças da Pré-Escola. Esta observação tornou-se cada vez de maior relevância, na medida em que minhas inquietações aumentavam com o decorrer das aulas da Especialização. Quanto mais lia sobre o tema ou dialogávamos em aula, mais compreendia a importância do educador no desenvolvimento de um currículo voltado para o brincar e para as interações no contexto da Educação Infantil.

No segundo momento, foi realizado um encontro com três professoras que compartilharam a prática na Educação Infantil, na residência da pesquisadora. Foi elaborado um questionário que norteou o debate, a leitura, o estudo e a reflexão sobre o tema da pesquisa.

O tema brincar destaca-se neste trabalho como parte de minha infância, permeada pela minha vida escolar e pelo curso de graduação até chegar à Especialização na Educação Infantil. Destaco a importância da formação contínua do educador, pois somente o conhecimento nos impulsiona para práticas mais significativas, tanto para os educandos como para os educadores.

2. MEMORIAL

Todas as lembranças da minha infância vêm acompanhadas de minha irmã e de minha mãe. Meu irmão já tinha 14 anos quando nasci, e um fato marcante em minhas lembranças é o fato que ele adorava dançar, principalmente música tradicionalista. Foi ele que me ensinou a dançar, em casa mesmo. Apenas ele ia ao Centro de Traduções Gaúchas (CTG), e eu o achava lindo “vestido de gaúcho”, com sua camisa azul, bombacha branca e lenço vermelho. Não tive muito convívio com meu irmão, pois aos 18 anos o mesmo foi para o quartel (eu tinha apenas quatro anos), e ao sair do quartel, ele foi morar e trabalhar em outra cidade, o que fez com que ele nos visitasse apenas nos finais de semana e feriados.

Meu pai raramente estava em casa, pois ora trabalhava o dia todo, ora fazia hora extra à noite; e muitas vezes, trabalhava em outras cidades. Tanto meu pai quanto meu irmão não ajudavam nas tarefas domésticas. Nossa vida era bastante humilde, o dinheiro era pouco, contado. Desde cedo eu e minha irmã aprendemos a cuidar da casa, pois mamãe fazia faxina e, ou íamos junto para ajudá-la nos afazeres, ou eu ficava de responsável pela minha irmã e pela casa. Mamãe sempre pedia para que eu não ligasse o fogão, mas, não raramente, quando ela chegava em casa, eu já havia feito fogo no fogão a lenha e colocado o feijão cozinhar (até hoje adoro fogão a lenha).

Minha mãe era responsável pela criação dos filhos e cuidar da casa, meu pai não ajudava “nestas coisas”, “não era coisa de homem”, ficando com a responsabilidade de trazer dinheiro para casa para não faltar comida na mesa e pagar as despesas básicas (água, luz, aluguel). Hoje este cenário mudou: aos 80 anos, ele divide algumas tarefas domésticas com minha mãe, como secar a louça e recolher roupas do varal.

Minha mãe, na medida do possível, nos proporcionava momentos lúdicos: eu e minha irmã brincávamos de pular na cama de mola dos nossos pais para ver quem pulava mais alto (naquela época eu vencia porque era mais alta). Brincávamos muito na rua de pular corda, amarelinha, tapete imaginário pelas calçadas onde passávamos, balanço nos galhos do pé de chorão da nossa vizinha, de banho de cachoeira, com a água de chuva das valetas da nossa rua, de equilibrista nos meios-fios das ruas e nos muros de nossa rua (naquela época quase não havia casa com grade na vizinhança). Embaixo de um cinamomo mamãe nos emprestava um acolchoado velho, abóboras, milhos, chuchus e panos para brincarmos de casinha, criando nossos filhos, filhas, bonecos e bonecas. Naquela época não tínhamos dinheiro para comprar

uma boneca, apenas com oito anos foi que ganhei uma da minha madrinha. A boneca tinha duas tranças e, com medo de “estragá-las”, somente alisava-as, sem desmanchá-las. Era meu maior tesouro! Eu a ninava, mas não a transformava, pois tinha que cuidar dela para ela “durar bastante”, como dizia minha mãe.

Ao ingressar na escola as coisas começaram a complicar: cursei 15 dias da primeira série e as freiras chamaram minha mãe para conversar. Aconselharam a mesma a me levar a um oftalmologista, pois eu não conseguia acompanhar a turma e não copiava a lição, e só deveria voltar à escola quando tivesse um par de óculos. Pelos exames oftalmológicos comprovou-se que eu tinha miopia de alto grau e que seria encaminhada a Porto Alegre para fazer outros exames. Contamos então com a ajuda de amigos da capital e começamos uma verdadeira maratona para conseguirmos um par de óculos, o que levou meses. Nesta época (1980), nem se falava em inclusão, o “diferente” sofria muita rejeição na escola. Nos dias atuais, teri a um tratamento diferenciado se isto ocorresse onde resido atualmente, pois o município dispõe de educadores especiais, apoiadores e monitores em toda a rede escolar municipal. O município possui uma escola referência para o atendimento de crianças com cegueira ou baixa visão (o que é meu caso). As mesmas aprendem em braille os diversos componentes curriculares, da Pré-Escola ao nono ano do Ensino Fundamental, e os professores recebem orientações e materiais pedagógicos necessários para que aconteça uma educação inclusiva de qualidade.

Só retornei à escola no ano seguinte, já com meus óculos de fundo de garrafa, os quais me acompanharam até 1991, ano em que comecei a lecionar, e consegui substituí-los por lentes de contato. Começou aos oito anos algumas limitações, principalmente pela participação em jogos que eu julgava perigosos. Fugia de jogos com bola, pois sentia medo de quebrar os meus óculos e não poder enxergar. No jogo de caçador, sempre era a que “matava”, pois assim não haveria o risco de a bola atingir meu rosto.

Em minha infância, não tenho recordações de meninas jogando futebol nas aulas de educação física, sendo que nestas aulas os meninos tinham uma professora e as meninas, outra; não se misturavam. Hoje, analisando meus alunos da Pré-Escola, tanto meninas quanto meninos amam futebol, sendo que há reclamações dos meninos apenas sobre a “ignorância” das meninas quanto às regras do jogo. Estas regras vão sendo incorporadas tanto pelo educador quanto pelas crianças, independente de sua idade, sendo que há uma necessidade de aprendizado destas regras dos envolvidos para o desenvolvimento do jogo ou da brincadeira. Eu preferia brincadeiras mais calmas: de roda, esconde-esconde, tornear a corda ao invés de pular. Preferia ficar omissa, pois

era bem difícil durante minha infância e adolescência não ser chamada pelo meu nome e sim por apelidos.

Adorava as tardes que íamos em grupo de mães e crianças pelos campos colher pitanga e amora ou para fazer piquenique. As visitas à minha avó materna também são in esquecíveis! Parece que posso sentir o cheiro das rosas que meu avô plantava dentro de pneus usados. Cada pneu tinha uma cor diferente de rosa. De manhã ele nos levava no galpão de chão batido onde fazia o fogo de chão e assava milho verde na brasa para os netos. Convivi poucos anos com ele, somente até meus cinco anos, mas estas lembranças permanecem...

À noite era a hora mágica, pois não havia luz na casa dos meus avós, e íamos deitar cedo e ouvir muitas e muitas histórias. Era a hora dos “causos” de assombração, fantasmas, busca ao tesouro. Minhas tias e minha avó eram *experts* em inventar histórias. Algumas vezes uma delas colocava a mão nas frestas de madeira e, para tornar mais real a história, pousava a mão fria sobre nossos pés. Que susto! Ao mesmo tempo em que tínhamos medo, adorávamos ouvir as histórias. Para acalmar e pegar no sono, ouvíamos as lendas dos potes de ouro, onde o personagem principal enterrava um pote de ouro nas terras dos meus avós e desaparecia, deixando seu tesouro por “aquelas bandas”, sendo que até hoje ninguém conseguiu encontrá-lo.

Nunca moramos muito tempo numa mesma cidade, devido ao trabalho de meu pai (construção de rodovias), e isso nos levava a mudar de cidade com frequência, e fazer mudança e mudar de escola sempre fez parte da nossa rotina. Com isso aprendemos a nos adaptar e também a conhecer várias pessoas, com diferentes culturas, uma vez que nestas empresas a mão de obra é composta de mineiros, paulistas, catarinenses, paranaenses e cariocas, entre outros. Aprendemos também a experimentar outros sabores, outros temperos; estudamos em escolas particulares e públicas. Minha mãe, mesmo sendo analfabeta, nunca mediu esforços para estudarmos: nas escolas particulares tínhamos bolsa auxílio, e minha mãe fazia faxina para pagar o resto da mensalidade. Da quinta série em diante estudei em escola pública. Das escolas particulares lembro do uniforme que, na época, era bem viável, pois tínhamos pouca roupa para ir à escola; das brincadeiras da hora do recreio (de roda, pega-pega, sapata, diabo rengo, pular corda), das apresentações de teatro, da professora da 2ª série que me ensinou a ler com fluência (na 1ª série peguei recuperação e quase repeti o ano).

Da quinta série em diante, quando ingressei na escola pública, lembro do vasto espaço para atividades físicas e de elas serem separadas para meninos e meninas; das aulas de técnicas domésticas e agrícolas, da horta escolar, das atividades de marcenaria e datilografia; das

gincanas escolares com a caracterização de cada equipe (criávamos nossa própria fantasia representando a equipe), da biblioteca da escola e da série Vagalume (minha coleção preferida na adolescência). Sempre gostei de ler, e adorava compor poesias, mas mostrava -as somente para algumas pessoas; aprendi a tabuada e a gostar de Matemática com o professor Elias, a fazer trabalhos em equipe, a redigir diários para os meus desabafos. Como nesta época não tínhamos TV, eu e minha irmã ouvíamos muito rádio e brincávamos de “Qual é a música?”, onde dizíamos uma palavra contida em uma canção e a outra tentava adivinhar exatamente aquela que fora escolhida.

Aos 14 anos cheguei em Restinga Sêca com minha família. Saimos de Três de Maio e nunca havíamos ouvido falar nesta cidade. Fomos então morar em uma casa alugada por meu pai, nos fundos de outra casa. Eu estava então na 8ª série, e na casa da frente morava uma professora, onde comecei a trabalhar como faxineira. Na casa haviam muitos livros e revistas que eu parava para dar uma espiadinha. Nesta época adorava romances; e a filha desta professora sempre me emprestava os que ela tinha. Eu então mergulhava no universo criado pelo enredo da história lida.

Certo dia esta professora, que estava atuando como supervisora escolar, falou -me de um concurso público municipal para professoras de 1ª a 4ª séries, onde a exigência de escolaridade mínima era o primeiro grau completo. Fiquei receosa no início, mas a professora ofereceu -me livros e materiais para os estudos do conteúdo programático e realizei a prova admissional. Estava em um supermercado quando soube que havia sido aprovada no concurso. Iniciou -se então meu ingresso no processo docente, aos 18 anos de idade. Estava cursando o 3º ano do ensino médio, e tive de interromper meus estudos para lecionar em uma escola do interior. Nesta escola fazia de tudo: lecionava em quatro turmas de 1ª a 4ª série; era professora, diretora, servente, secretária e merendeira, e vinha para casa uma vez ao mês, pois nesta localidade não havia transporte coletivo.

Consegui aguentar de março a outubro de 1991, pois nunca havia morado longe de minha família. Fui ficando cada vez mais triste, por mais que a família que me acolheu na localidade fosse bastante calorosa e prestativa comigo. Ao chegar à sede do município para pedir demissão, fui aconselhada a esperar alguns dias, pois haveria uma vaga em uma vila do município, bem próxima à minha residência. Comecei então a trabalhar em uma casa com quatro cômodos, onde funcionava dois prés escolares provisoriamente, e fiquei como regente de uma das turmas. Voltar a sorrir e a brincar começou a fazer parte do meu cotidiano. Terminei o ensino médio somente

três anos depois, por conta de voltar a lecionar no interior, mas desta vez não estava sozinha, tinha outra professora com quem dividia as turmas e havia merendeira e servente, o que me deu mais segurança para continuar na carreira.

A experiência que me impulsionou para cursar o Magistério foi descobrir, através do contato com a pré-escola de outubro a dezembro de 1991 (meu primeiro ano como professora) que gostava de estar com crianças. Aprendi a fazer do processo de observação uma busca por experiências e descobertas bastante prazerosa, onde não somente ensinava, mas também aprendia a cada dia.

Comecei a ver que precisava de mais suporte para minha prática, e em 1995 ingressei no Magistério, na cidade de Cachoeira do Sul, onde estas percepções foram confirmadas. Em 1999, ingressei no curso de Pedagogia, na cidade de Caçapava do Sul, onde as aulas presenciais eram nos períodos de recesso escolar (julho e janeiro). Contávamos com uma coordenadora que nos orientava quinzenalmente em nosso município, proporcionando momentos de leitura para embasamento teórico e elaboração de projetos oriundos das observações da nossa prática. O curso de Pedagogia abrangia Educação Infantil e Séries Iniciais, no entanto, pouco foi abordado no período cursado sobre assuntos referentes à Educação Infantil. A ênfase era a alfabetização e as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Apesar disto, no período de 2002 a 2012 trabalhei na Educação Infantil, na Pré-Escola, com crianças de cinco a seis anos. Embora houvesse a ludicidade e o brincar, minha preocupação, no entanto, era desenvolver a motricidade ampla e fina, através de brincadeiras coordenadas e exercícios que desenvolvessem movimentos de pinça com exercícios preparatórios para a escrita: fazer bolinhas de papel, modelagem, rasgado, pinturas, recorte e colagem. O brincar servia como objetivo pedagógico para o desenvolvimento cognitivo da criança. Na maioria das vezes o brincar tinha a função de “ensinar” algo, e as brincadeiras livres pouco tinham intervenção do educador.

Comecei então a questionar-me acerca do brincar ou de preparar a criança para o ingresso no Ensino Fundamental. Com estas e outras dúvidas, ingressei na Pós Graduação em Educação Infantil em outubro de 2011, na cidade de Santa Maria, com o intuito de saná-las. No decorrer das aulas, convenci-me sobre a principal metodologia na infância: o brincar. Um brincar observado pelo educador, explorado por ele e pela criança; um brincar planejado, com intencionalidade, proporcionado tanto por brincadeiras livres quanto por coordenadas pelo educador. Um brincar onde o velho (brincadeiras de nossa infância) é o novo.

Convencida da importância do brincar na educação infantil, acreditei também que precisava de aprofundamento acerca do tema e que no cotidiano da educação infantil, cada vez mais levaria a sério o tempo do brincar. Ao mesmo tempo em que esse processo se implementaria na prática cotidiana da educação infantil, estava disposta a buscar embasamento teórico acerca do tema. Foi isso que me levou a criar o projeto “Tempo de Brincar”.

Foram muitas as inquietudes da corporeidade que me levaram ao tema brincar: o tempo de brincar na pré-escola está restrito à hora do recreio e aos minutos finais da aula? O brincar é planejado pelo educador? O educador participa e interage nas brincadeiras criadas pelas crianças? O brincar deve ter a presença constante do educador? O que deve ser priorizado pelo educador: a brincadeira livre das crianças ou as coordenadas pelo educador? Qual a importância de propor às crianças brincadeiras que fizeram parte da infância do educador? As brincadeiras do Ensino Fundamental podem fazer parte do cotidiano da Educação Infantil? Qual a importância por parte do educador em observar como as crianças brincam e do que elas brincam? Com o surgimento destas temáticas e problematizações, começaram a surgir reflexões sobre o tema, como este questionamento feito em aula e que me possibilitou também brincar com as palavras:

Tempo

Marcas do tempo

Tempo tão curto

Que passa num piscar de olhos

O tempo para o adulto

É o mesmo para a criança?

Adulto acha tempo

Acha tempo pra tudo?

As vezes até pede um tempo

Tempo não só de relógio ou de calendário

Mas tempo de coração

Para resolver aflições da alma

Tempo para sentir as resistências que a vida corrida traz.

O pai, a mãe hoje tem tempo para brincar com seu filho?

As brincadeiras infantis se perderam por falta de tempo?

A resistência de algumas crianças para brincar é a realidade e dos novos tempos?

E nós educadores acompanhamos, refletimos, pesquisamos

o tempo do brincar de cada criança?

A criança tem esse tempo?

O tempo do brincar pode ser medido?

3. PROJETO TEMPO DE BRINCAR

Para desenvolver esse tema, acreditei que deveria iniciar por um questionamento, que se configurava como um problema: Qual a importância do brincar para as crianças da Pré-escola e o papel do educador nesse processo?

A partir dessa pergunta, busquei então compreender a importância da mediação do educador nas brincadeiras da Pré-Escola. Para concretizar este trabalho compreendi que eu deveria construir algumas estratégias de atuação, dentre elas: observar as brincadeiras presentes no dia a dia da Pré-Escola; participar das brincadeiras criadas pelas crianças; propor brincadeiras que fizeram parte da infância do educador; planejar com as crianças as brincadeiras a serem desenvolvidas; oportunizar a interação da Pré-Escola com brincadeiras de crianças do Ensino Fundamental; proporcionar a integração entre os Pré-Escolares através do brincar; oportunizar junto aos professores momentos de diálogo sobre o brincar; observar qual a importância do educador mediar as brincadeiras; refletir através de leituras sobre o brincar na Educação Infantil.

3.1. Metodologia

Este projeto será desenvolvido através da observação nas turmas de Educação Infantil, nos Pré-escolares de quatro e cinco anos de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental no município de Restinga Sêca. Ele surgiu a partir de indagações, reflexões, momentos compartilhados e leituras sobre o brincar durante o Curso de Especialização da Educação Infantil que estou cursando.

No primeiro momento o foco será a observação das crianças, o seu brincar e a importância ou não da mediação do educador nas brincadeiras livres e coordenadas. No segundo momento o foco será compartilhar com os professores, através de encontros e observações, as descobertas sobre o brincar e o porquê do mesmo ser discutido pelo corpo docente no currículo da Educação Infantil. As bases para a leitura, diálogo e reflexão serão as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2010, textos de Maria Carmen Silveira Barbosa e Tânia Ramos Fortuna além de outras referências sobre o tema. Estes encontros terão o intuito de

promover o diálogo com os professores através de experiências significativas vividas no decorrer da Especialização e das leituras prévias sobre o tema, pois como cita Freire (1996), sempre podemos saber mais sobre o que já sabemos, fazer melhor o que já fazemos, e não devemos poupar oportunidades para discutir aquilo que fazemos.

Este trabalho terá como fundamento as teorias que guiam a prática docente, especialmente aquelas que estão em consonância com as diretrizes. O trabalho pauta -se ainda pela reflexão e o diálogo com os professores e a observação sobre o brincar da Educação Infantil. Para Freire (1996), devemos nos abrir ao mundo, às pessoas, à procura de explicações e de respostas a inúmeras perguntas que nos inquietam na nossa prática docente. Segundo o mesmo autor, “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”. (FREIRE, 1996, p.136).

Para realizar este trabalho, partiu-se da observação e registro das brincadeiras das crianças buscando compreender:

- Do que as crianças brincam?
- Quais brinquedos estão disponíveis para elas?
- Dentre os brinquedos disponíveis, quais são os de sua preferência?
- Quais são suas brincadeiras preferidas?
- Comparativamente entre as brincadeiras direcionadas e livres, quais elas mais se identificam?
- Como o professor propõe as brincadeiras?
- Como as crianças se agrupam para brincar?
- Meninos e meninas brincam juntos?
- Os espaços disponibilizados são os mesmos para os meninos e para as meninas?
- Qual é a aceitação das crianças com a presença do educador nas brincadeiras?
- Como as crianças reagem diante da proposta de brincadeiras que fizeram parte da infância do educador (gato e rato, ovo choco, caçador, brincadeiras de roda, sapata/amarelinha,...)?

A partir dos registros realizados nos contextos de educação infantil será possível construir elementos que nos indiquem de que forma o lúdico se faz presente no currículo da educação infantil, como as crianças o vivenciam nas suas instituições e o papel do professor nessa interação.

Na segunda parte do projeto, que consiste de um encontro com professores que atuam na Educação Infantil, terá a seguinte formulação:

- O encontro será realizado com três professores que compartilham a prática docente com a pesquisadora na Educação Infantil e terá como objetivo expor para os educadores a importância da mediação do educador no brincar da Educação Infantil, independente deste ser livre ou dirigido.

No primeiro momento haverá a sensibilização, com a colocação de brinquedos no chão por parte da pesquisadora e seu pedido para cada professor pegar um brinquedo que lembre sua infância ou que fez parte dela. Relatar para as demais colegas o porquê da escolha deste brinquedo e o que ele lembra da sua infância.

No segundo momento, questionar os Educadores:

- Por que falar sobre o brincar na Educação Infantil?
- É importante acompanhar o brincar da criança?
- O brincar deve ser mediado pelo educador?
- Como o educador pode acompanhar o brincar no dia a dia da Educação Infantil?
- O brincar é a base do currículo infantil?
- O brincar é discutido entre os educadores de Educação Infantil? Em que momentos?
- Você enfrenta dificuldade para brincar na Educação Infantil? Por quê?

As manifestações pessoais dos educadores sobre o questionamento serão a base para, sequencialmente, propor momentos de reflexão com leituras que abordem o tema BRINCAR no currículo da Educação Infantil, ressaltando a importância da mediação do educador nas brincadeiras.

4. O QUE VI, O QUE OUVI E O QUE PRECISAMOS APRENDER SOBRE A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir dos relatos e discussões das professoras foi possível fazer uma análise das concepções das mesmas, trazendo relatos do contexto observado e aprofundamento, à luz de alguns referenciais teóricos tais como Paulo Freire, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Tânia Fortuna, entre outros. Um dos aspectos evidenciados foi a importância da formação do professor que atua na Educação Infantil.

As professoras I, C e A¹, participantes do projeto, colaboraram com narrativas sobre o que cada uma pensa sobre o brincar na Educação Infantil. A Professora I ressaltou que *“a brincadeira faz parte do desenvolvimento da criança e que através da brincadeira a criança é capaz de demonstrar suas habilidades e necessidades de aprendizagem.”* A professora A salientou que *“o brincar é a base para a Educação Infantil”*. A professora C comentou que *“a brincadeira é de vital importância para o desenvolvimento e para a educação da criança”*.

As narrativas das colegas nos remetem à reflexão do texto de Barbosa (2011) a qual argumenta que:

Nas brincadeiras, as crianças aprendem a cantar cantando; a girar girando; a contar dizendo um, dois, três. Não são necessárias aulas prévias com os conteúdos mencionados para depois realizar a brincadeira; ao contrário, é a realização das brincadeiras que suscita, em seu acontecer, temas, ideias e conceitos. (BARBOSA, 2011, p.36)

Durante o encontro percebemos a importância de um espaço para estudos dentro da escola. Cada uma das professoras expôs suas dificuldades com relação ao brincar na Pré-Escola, com destaque aos problemas de estrutura física, tais como a falta de planejamento da pracinha, pouco espaço entre os brinquedos, falta de brinquedos coletivos que favoreçam mais a interação entre as crianças (poucos brinquedos no pátio e de difícil acesso devido ao espaço reduzido entre eles), falta de espaço no pátio com mais grama e menos pavimentação, pois a mesma amortece as quedas, estantes mais baixas que possibilitem às crianças chegarem até os brinquedos.

Abordei com as professoras o tema de meus estudos com relação ao educador mediar o brincar na Educação Infantil, com enfoque na Pré-Escola, independente de todos os empecilhos

¹ Os nomes serão omitidos para preservar a identidade das professoras participantes.

que encontramos no nosso dia-a-dia. Salientei que estamos todas na mesma escola, no mesmo espaço e que, através deste estudo pude ver o brincar de um modo diferente. Destaquei a importância do planejamento deste brincar, das observações, registros e mediações do professor, seja nas brincadeiras livres como nas coordenadas, embasando-me em estudos de autores que pesquisam sobre o brincar, a infância, o currículo da Educação Infantil e a mediação do educador no brincar. Percebemos que estes estudos não se resumem a um encontro, mas é o início de uma longa jornada de estudos, pois somente o conhecimento sobre nosso fazer muda a nossa prática docente.

O brincar que tanto me instigou nesta pesquisa foi algo que usava como instrumento pedagógico, fazendo parte da minha docência na Educação Infantil e da minha rotina diária. Algo que usava como recurso educativo na minha prática diária, com a finalidade de “ensinar” algo para as crianças (brincadeiras coordenadas), ou como momento de socialização entre elas. Observava o brincar livre como espectadora e não fazia observações e mediações neste brincar. No entanto, na medida em que fui lendo sobre a importância do brincar, percebi como ele está impregnado no nosso fazer diário e de como ele é pouco discutido em nosso currículo, em nossas escolas.

Através da observação das brincadeiras das crianças, busquei referências para embasar e atuar na interlocução com as professoras, pois as observações me forneceram elementos que me possibilitam argumentar sobre a importância da mediação do brincar na prática diária. Os estudos realizados em aula muito contribuíram para a construção dessa compreensão. Abordarei esses aspectos em alguns subitens a seguir.

4.1. O Brincar exige conhecimento do educador

Um dos motivos da pesquisa sobre este tema foi descobrir ao longo da Especialização que a Educação Infantil vai além do cuidar e de ser assistencialista. Esse também é um entendimento da professora C ao comentar que *“o brincar dá a chance para a criança exteriorizar seus sentimentos, através da brincadeira a criança aprende”*.

No entanto faz-se necessário que o educador pesquise e descubra como o brincar pode ser explorado na Educação Infantil. Freire (1996), destaca que o “educar” exige pesquisa,

conhecimento e planejamento sobre nossa prática docente. O mesmo enfatiza que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. (FREIRE, 1996, p.29).

Ao aprofundar meus conhecimentos sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, tomei consciência de minha fragilidade em relação à compreensão do tema, percebi ainda que em minha escola pouco se estudou até então sobre o assunto, ou sobre o currículo da mesma, mais ainda, sentia-me responsável e com desejo de discutir esse tema na escola. Quanto mais ouvia depoimentos das colegas na especialização e recebia embasamento teórico, mais percebia a distância destas experiências com minha prática na Educação Infantil. Fui percebendo as minhas ações sem análise, sem observações diárias do meu fazer, sem registro, sem embasamento, sem planejamento. Percebi cada vez mais que precisava aprofundar meus conhecimentos, mas como afirma Freire (1996, p. 135), “não há razão para me envergonhar por desconhecer algo”. Percebi então que não era por querer que agia assim, mas sim pela falta de conhecimento. Freire (1996) destaca a importância da reflexão crítica sobre a prática na formação docente ao citar que “Por isso é que, na formação permanente do professor, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode mudar a próxima prática”. (FREIRE, 1996, p.39).

4.2.A mediação do educador nas brincadeiras infantis

Segundo Ayoub (2001), quando o adulto abre mão de sua mediação no processo educativo acaba criando uma situação chamada abandono pedagógico, pois é no contexto da brincadeira que o professor descobre o seu papel de mediador. Para que ocorra a mediação do educador no brincar faz-se necessário o planejamento e a organização do contexto desse brincar: no momento que há liberdade para a criança agir com autonomia no espaço e com os objetos o professor está mediando este brincar. Para a colega I, no entanto, nem sempre o brincar deve ser mediado pelo educador. Ela destaca que em alguns momentos precisamos deixar as crianças criarem suas brincadeiras e regras buscando a autonomia. Quando as crianças podem brincar livremente com outras crianças, em um ambiente rico, também ocorre o processo de interação criança-criança e que é muito importante para o seu desenvolvimento.

Wajskop (1995), destaca que faz-se necessário também a observação e o registro do brincar pelo educador. Segundo Fortuna (2011, p.9), a brincadeira na Educação Infantil não deve ser “nem tão solta que dispense o educador, nem tão dirigida que deixe de ser brincadeira”. A mesma salienta que além da fundamental interação das crianças nas brincadeiras, a interação entre criança e educador também é de suma importância. Segundo ela, o educador pode alternar suas ações no brincar com momentos de observação ou de ação direta e ativa, onde convida e propõe brincadeiras.

Para a professora C, “o educador deve mediar o brincar e cabe a ele criar condições de expressão e de comunicação para que através do brincar a criança tenha a possibilidade de se manifestar”. A professora A destaca que “através da mediação o educador participa do desenvolvimento infantil”. Observamos, portanto, que algumas opiniões das educadoras divergem no sentido de que o brincar deve ser sempre mediado pelo educador. A colega I destaca que nem sempre a brincadeira deve ser mediada e que não devemos podar as crianças de criarem suas brincadeiras, possibilitando que estabeleçam suas próprias regras e assim construam a sua autonomia.

Para Fortuna (2011, p.10), o educador tanto na sala, como no pátio não se deve fiscalizar e sim acompanhar e partilhar as alegrias e os desafios do brincar, mostrando-se disponível para o brinquedo. A intervenção do educador tem a finalidade de não apenas observar e oferecer brinquedos, mas de estimular a atividade mental, social e psicomotora das crianças através de questionamentos e sugestões para que as crianças possam avançar na sua aprendizagem e desenvolvimento através de situações lúdicas.

Além disso, o momento do brincar possibilita a problematização, a resolução dos problemas com possibilidades para o educador criar junto às crianças alternativas para momentos de conflito e de tensão, também presentes no dia a dia das brincadeiras infantis. Fortuna salienta que:

A presença do educador na brincadeira é agregadora e estimulante. Brincando junto, o educador infantil mostra como se brinca, não só porque assim demonstra as regras, mas também porque sugere modos de resolução de problemas e atitudes alternativas em relação aos momentos de tensão. (FORTUNA, 2011, p.10).

Os educadores quando questionados sobre a importância de acompanhar o brincar das crianças destacaram que:

Professora I:...”Ao observarmos as brincadeiras das crianças conseguimos compreendê-las e ver seu potencial de aprendizagem e socialização”;

Professora A: “Acompanhando o brincar podemos interagir com a criança”;

Professora C: “*É brincando que a criança se manifesta*”.

No entanto, não basta apenas observar, mas também se faz necessário o registro do brincar, que também é uma forma de participar, de estar ativo em relação ao processo da criança. Olhar a criança que brinca com outra criança em alguns momentos pode ser tão rico quanto brincar com a criança e propor brincadeiras. O que não podemos é estar alheio ao brincar enquanto a criança brinca. Através das observações sobre o brincar e registro da mesma podemos embasar a nossa prática, refletir sobre ela, e se necessário, modificá-la. Como afirma Wajskop (1995, p.68): “Observar e registrar as brincadeiras espontâneas das crianças, suas falas e os brinquedos que inventam, assim como nossas atitudes, ideias e dificuldades frente a essas situações, pode ser uma forma de começar a modificar nossa própria prática profissional”.

4.3. O Brincar como base do Currículo na Educação Infantil

O brincar é um dos princípios básicos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e um direito da criança. Os eixos que norteiam nossa prática pedagógica e que devem estar presentes em nossas propostas pedagógicas são as interações e a brincadeira. Os professores que fizeram parte desta pesquisa concordaram que o brincar é a base do currículo infantil. Comentaram que “*enquanto brinca a criança aprende*”; (C), “*As habilidades necessárias ao desenvolvimento infantil podem ser desenvolvidas e trabalhadas através das brincadeiras*”; (I), “*Através do brincar a criança se desenvolve*”; (A)

O brincar possibilita o desenvolvimento integral da criança, abrangendo as dimensões: expressivo motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança (DIRETRIZES, 2010).

No entanto, para que isso aconteça, faz-se necessário um planejamento tanto da ação do educador quanto da organização dos espaços e dos materiais para as brincadeiras. Não é necessário uma diversidade de materiais, mas sim uma observação sobre o que temos e como podemos explorar com a criança este material.

Para Wajskop (2005), é de suma importância a presença do adulto nas brincadeiras e que este deve ser o elo entre a criança e o objeto, sendo além de observador um mediador. Segundo a autora, o adulto deve estar “ora como observador e organizador, ora como personagem que

explícita, que questiona, que enriquece o elo entre as crianças e o objeto”. Segundo Fortuna (2004), ao jogarmos ou brincarmos, aprendemos a controlar angústias e impulsos, assimilamos emoções e sensações, estabelecemos contatos sociais, compreendemos o meio, buscamos satisfazer desejos e também desenvolvemos habilidades, conhecimento e criatividade. Deve ser também a principal atividade a ser desenvolvida na infância, como Marin e Penón (2003) afirmam:

Brincar é a principal atividade da infância; além de responder às necessidades de meninos e meninas de olhar, tocar, satisfazer a curiosidade, experimentar, descobrir, expressar, comunicar, sonhar. Brincar é uma necessidade, um impulso primário e gratuito que nos impele desde pequenos a descobrir, conhecer, dominar e amar o mundo e a vida. (MARÍN E PENÓN, 2003-2004, p.30).

Observa-se nas Pré-Escolas que há uma carência ou de brinquedos ou de falta de espaços que propiciem à criança de chegar até eles, fazer suas próprias escolhas de forma livre e autônoma, pois a estante com os brinquedos na maioria das vezes fica no alto, de difícil acesso; os armários onde são guardados os brinquedos são fechados e há falta de verbas nas escolas de Ensino Fundamental para a compra de brinquedos. A maioria dos brinquedos das Pré -Escolas das escolas de Ensino Fundamental é adquirida por outras pessoas, através de doações.

Entretanto, em alguns momentos percebemos que os poucos brinquedos existentes nas escolas, muitas vezes não estão acessíveis para as crianças. De acordo com Fortuna (2004) “é preciso agir para transformar um objeto em brinquedo ou uma situação qualquer em brincadeira . Para Fortuna (2004), o que faz um brinquedo ser brinquedo é a ação de quem brinca . Portanto, de nada vale uma grande quantidade de brinquedos na sala de aula se estes não podem ser tocados pela criança, de difícil acesso para ela.

A disposição e a organização dos brinquedos são fundamentais para a criança. Não necessitamos, no entanto, de um número ilimitado de brinquedos industrializados para que a atividade lúdica aconteça, pois o simbolismo infantil faz com que o brincar atravesse fronteiras e cabe ao educador imergir no mundo da criança para que possa ver que uma caixa para ela é uma casa, uma cabana, um esconderijo, uma mesa, uma cama, só depende da imaginação. Um objeto quando bem selecionado pelo educador tem múltiplas finalidades para a criança e suas ações lúdicas.

Segundo os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (2009, p.38), cabe ao professor planejar atividades variadas, disponibilizando espaços e materiais que possibilitem diferentes formas de expressão, de brincadeiras, de aprendizagens, de explorações, de conhecimento e com pequenas ações decorrentes das observações do educador haverá maior

espaço de interações. A ação do educador no planejamento dos espaços propicia a autonomia das ações infantis.

Percebemos que a falta de brinquedo prejudica em muito o ato de brincar. No entanto, o excesso impede a criança de explorar, de agir, de descobrir as possibilidades de um objeto em si. Segundo Fortuna (2011, p.9), uma sala de aula que garanta um justo lugar à brincadeira não tem brinquedos em excesso. Não é a grande quantidade deles, nem sua sofisticação ou o alto valor comercial que tornam a brincadeira mais rica e estimulante.

O brincar e as interações infantis são a base para uma infância de qualidade, onde a criança seja vista como criança. Cabe ao educador proporcionar momentos de interação e de ludicidade, com brincadeiras, jogos e brinquedos, seja de forma espontânea ou de forma dirigida. É um momento de aprendizagem tanto para o educador como para a criança. Quando dialogamos sobre como o professor pode acompanhar este brincar no dia a dia da Educação Infantil, as professoras relataram que é através do ato de brincar do educador, de o mesmo estar envolvido neste brincar, fazendo parte deste processo. Observamos isso através das falas das colegas ao relatar que C: *“brincando com a criança a fim de auxiliá-la na superação das dificuldades, organizando os espaços, para favorecer atividades para a construção do conhecimento, mediando situações de conflito”*; A: *“observando como as crianças brincam, observando e/ou mediando a brincadeira”*. Portanto, cabe ao professor planejar atividades variadas, disponibilizando espaços e materiais que possibilitem diferentes formas de expressão e de brincadeiras. Para Brougère (2001, p.5), *“a criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, ela brinca com o que tem na mão e com o que tem na cabeça”*, portanto, cabe ao professor a ela oferecer tempo, espaço adequado, materiais estimulantes para que brinque, olhando essa atividade como potência para se desenvolver, ser criança, aprender. Corsaro (2011, p. 15), afirma que *“proporcionar oportunidades e encorajar o brincar espontâneo deve ser um aspecto importante do currículo da Pré-Escola, já que através da observação cuidadosa das brincadeiras das crianças, os professores podem documentar sua aprendizagem”*.

A observação sobre o brincar da Pré-Escola foi a mola propulsora para o desenvolvimento deste trabalho. Ressalto a importância do trabalho de pesquisa ser compartilhado com os educadores que fazem parte do nosso contexto escolar. O diálogo com professores que atuam na Educação Infantil também deve ser repensado em nossas escolas de

Ensino Fundamental que oportunizam a modalidade de Educação Infantil, a fim de haja espaço em uma reunião pedagógica para a discussão do brincar no currículo da Educação Infantil.

5. CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo aprofundar estudos sobre o brincar presente no fazer diário da Educação Infantil, através de leituras, questionamentos e reflexões com professores que fazem parte do cotidiano da pesquisadora. O motivo deste tema foi sensibilizar os educadores sobre o sentido maior da Educação Infantil nos dias atuais, que é proporcionar a interação e a brincadeira como direito básico de toda criança, sendo que é na infância que ela deve usufruir desta oportunidade.

Outro objetivo foi ressaltar a importância do professor mediar este brincar, seja observando, seja agindo; seja organizando o espaço, ou propondo brincadeiras; ora como problematizador, ora como criador de oportunidades para a resolução dos problemas decorrentes da ação do brincar. O encontro foi a base para revermos nossas ações e nos possibilitou uma reflexão sobre o espaço destinado às temáticas da Educação Infantil num contexto de Ensino Fundamental e como é de suma importância pararmos nossa prática para refletirmos sobre a mesma. As narrativas das professoras, em geral, salientam a importância da observação, da mediação, e da possibilidade da criança brincar livremente. Em relação à observação do professor no momento de brincar, mesmo quando colocado pelos professores, nem sempre ocorre na prática. Em alguns momentos, enquanto a criança brinca, aproveita-se para realizar outras atividades de caráter burocrático.

Os educadores salientaram a importância de revermos o currículo da Educação Infantil e do estudo das Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, bem como de momentos de diálogo entre os professores da escola no sentido de um trabalho em conjunto, com temas em comum. Destaco que a pesquisa realizada incitou-nos a revermos nossa prática e a criarmos menos empecilhos para que ela seja de qualidade, independente dos obstáculos que enfrentamos, seja por motivos estruturais ou financeiros. O conhecimento, muitas vezes, está bem mais perto que pensamos; no entanto, depende de aproveitarmos ou não as oportunidades de adquirirmos mais conhecimento para alicerçar a nossa prática diária.

Almejo trilhar o caminho da pesquisa com meus colegas com estudos mais frequentes, com temas relacionados a nossa prática, ao nosso fazer diário. O conhecimento mediado pelo estudo, pela pesquisa, pela reflexão nos permite uma prática mais consciente; a teoria justifica o nosso fazer, alicerça a nossa prática. Através do conhecimento, de uma formação de qualidade

do corpo docente, da sensibilidade, de políticas públicas direcionadas a infância , teremos a possibilidade de construir uma Educação Infantil de qualidade. Esta pesquisa foi o primeiro passo para a descoberta, para o estudo, para o planejamento de um currículo voltado para a criança e para suas necessidades vitais, mediado pelas interações e pelas brincadeiras; um currículo para a infância.

6. REFERÊNCIAS

AYOUB,E.**Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil**.Rev. Paulista de Educação Física, São Paulo, 2001.

BARBOSA, M.C.S. **As brincadeiras, o brincar e o currículo na Educação Infantil**.Rev.PátioEducação Infantil, Porto Alegre: Artmed, abr./jun.2011.

BRASIL,**Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**,Brasília,2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília, 2009.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CORSARO,W. A.**Faz de conta,aprendizagem e infância viva**. Rev. Pátio Educação Infantil, Porto Alegre: Artmed, Ano IX, n. 27, abr/jun 2011.

FORTUNA, R. **Vida e morte do brincar**. In. Avila I.S. (org). Escola e sala de aula: mitos e ritos. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

_____. **O lugar do brincar na Educação Infantil**. Rev. Pátio Educação Infantil, Porto Alegre: Artmed, Ano IX, n. 27, abr/jun 2011.

FREIRE,Paulo.**Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**.São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARIN, I; PENÒN,S.**Que brinquedo escolher?**Rev.PátioEducação Infantil, ano I, n.3, dez.2003/ mar.2004.Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br> . Acesso em 19 abril 2013.

WAJSKOP,G. **O Brincar na Educação Infantil**. Caderno Pesquisa,n.92, fev.1995.

_____. **Brincar na Pré-escola**, 6ª ed. São Paulo: Cortez,2005.